

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufjr.org.br

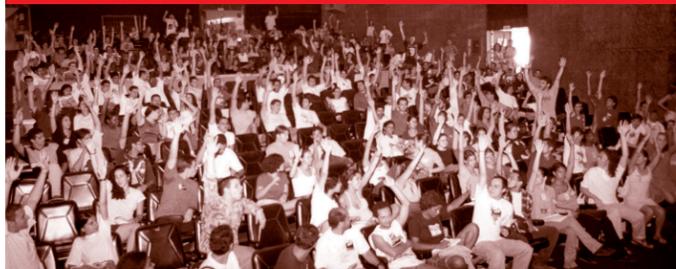
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

FASUBRA CUT

Assembleia Geral

Na assembleia desta segunda-feira, 30 de maio, às 11h, no auditório do Quinhentão, no CCS, vamos debater o indicativo de greve da Fasubra e eleger os delegados à plenária. O governo Dilma não tem respondido a contento na mesa de negociação e afirma que não haverá aumento este ano. O indicativo marcado para 6 de junho deve ser avaliado com profundidade e seriedade. Precisamos de uma pauta que envolva, atraia e unifique a categoria. Vamos reivindicar que a Fasubra invista na negociação do piso e inclua a solução para o desvio de função na pauta que está sendo negociada. *PÁGINA 3*

Vamos avaliar e decidir o melhor para a categoria



Sindicato convoca todos os auxiliares de enfermagem

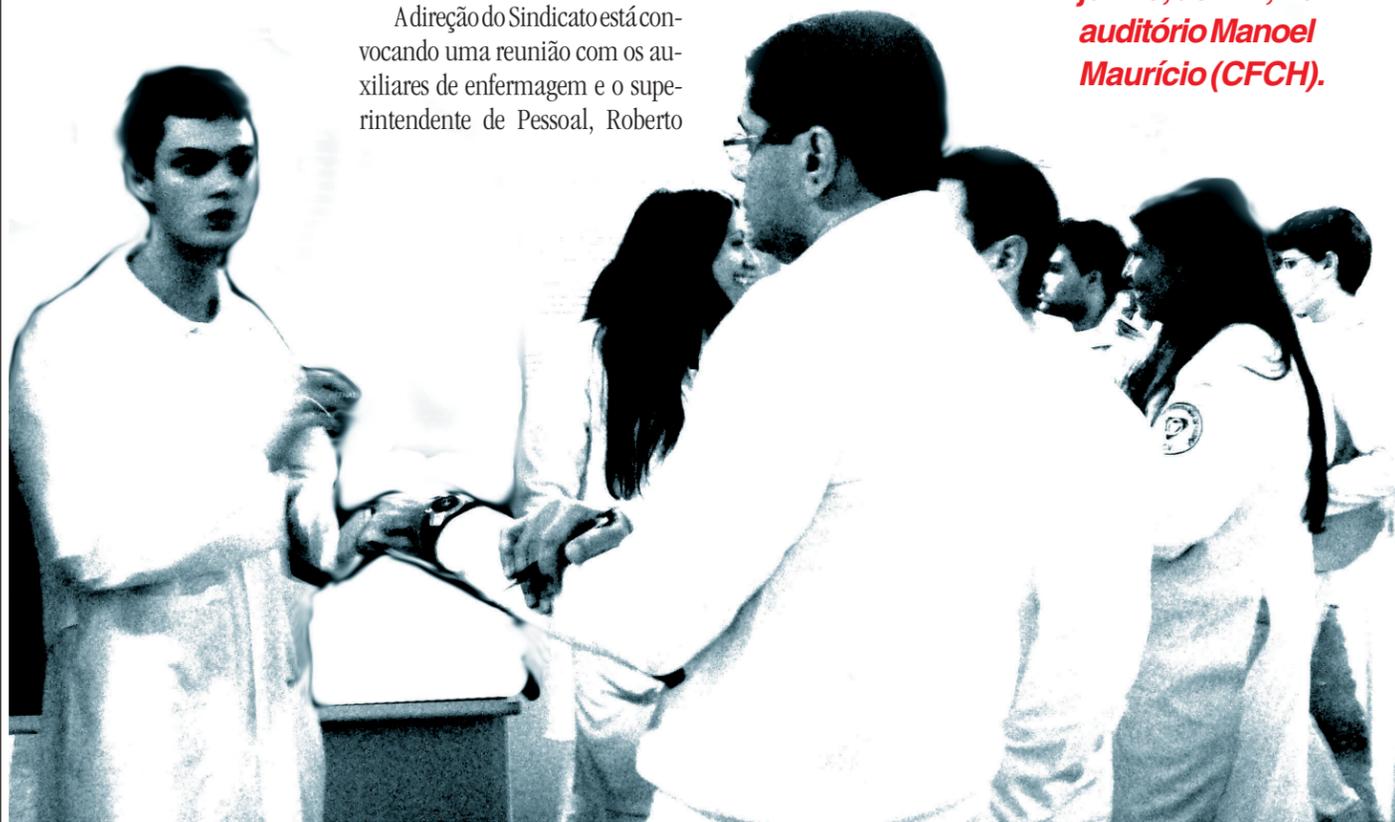
Auxiliares e técnicos de enfermagem: Qual a diferença? O salário!

No momento do enquadramento na nova carreira dos técnicos-administrativos em educação, uma injustiça foi cometida com os auxiliares de enfermagem: embora naquela

época esses profissionais tivessem as mesmas atribuições e nível de escolaridade exigidos para o cargo de técnico de enfermagem, eles foram enquadrados como auxiliares.

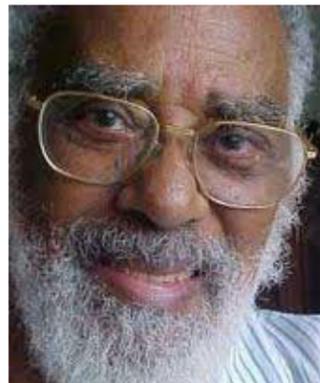
A direção do Sindicato está convocando uma reunião com os auxiliares de enfermagem e o superintendente de Pessoal, Roberto

Gambine, para discutir encaminhamentos para a reparação desta injustiça. Sua participação é fundamental para que possamos encaminhar essa luta.



Reunião do GT-Segurança

Será no dia 3 de junho, às 10h, na subsede sindical no HU. Em pauta, informes, o seminário Interno de Segurança e eleição da Diseg.



Abdias Nascimento

“Nunca fraquejar diante do racismo, de arrombar portas e bater no peito para denunciar a dor de ser discriminado pela cor da pele.” Este era um dos ensinamentos do companheiro Abdias Nascimento, um dos líderes da luta contra o racismo no Brasil que aos 97 anos partiu desta vida. *PÁGINA 2*

Especial Aposentados

A próxima edição do Jornal do SINTUFRJ circulará com o encarte sobre os aposentados. Serão quatro páginas com informações relevantes e de interesse da categoria. Uma das matérias já pautadas é a reunião dos aposentados, realizada no dia 24 de maio. Aguarde o Especial Aposentados, porque ele vem cheio de novidades.

ESPAÇO CULTURAL

Repaginado

SINTUFRJ / 2011

Inauguração dia 3 de junho, sexta-feira, às 16h. Com apresentações: do Coral do SINTUFRJ, da Academia de Dança, e da cantora Tânia Malheiros, além de outras atrações.

DOIS PONTOS

Abdias para sempre presente

Morreu na terça-feira, dia 24 de maio, no Rio de Janeiro, o companheiro militante negro Abdias Nascimento, aos 97 anos. Abdias foi o primeiro deputado federal do país a se dedicar à defesa dos afrodescendentes. Um homem que dedicou a vida à luta contra o racismo no Brasil. Sua trajetória de militante negro começou cedo. Em 1930 já fazia parte da Frente Negra Brasileira e lutou contra a segregação racial em estabelecimentos comerciais em São Paulo.

Em 1938, Abdias organizou o Congresso Afro-Campineiro e em 1944, o Teatro Experimental do Negro, entidade que patrocina a Convenção Nacional do Negro em 1945-1946, que propôs à Assembleia Nacional Constituinte de 1946 a inclusão de políticas públicas para a população afrodescendente e um dispositivo constitucional definindo a discriminação racial como crime de lesa-pátria.

Abdias era jornalista, escritor, poeta, ator e foi secretário estadual

no governo Leonel Brizola. Em uma viagem pela América do Sul com um grupo de poetas, assistiu a um espetáculo no qual um ator branco pintava o rosto para interpretar um negro. O episódio marcou Abdias e levou a fundar o Teatro Experimental do Negro, após ter cumprido pena na penitenciária do Carandiru. Ele foi preso pelo governo Getúlio Vargas por resistir a agressões racistas.

Abdias se encontrava nos Estados Unidos quando o regime militar promulgou o Ato Institucional nº 5, e, por responder a diversos inquéritos policiais, foi impedido de retornar ao Brasil. Seu exílio durou 12 anos. Abdias também fundou o Ipeafro, em 1981, o jornal *Quilombo*, em 1968, e é autor de mais de 20 livros. Fez parte do antigo PTB e ajudou a fundar o PDT. Além da indicação ao Prêmio Nobel da Paz, recebeu honrarias em vários países, da Unesco e ONU. No Brasil, Abdias recebeu do então presidente Lula a Ordem do Rio Branco, no grau de Comenda-

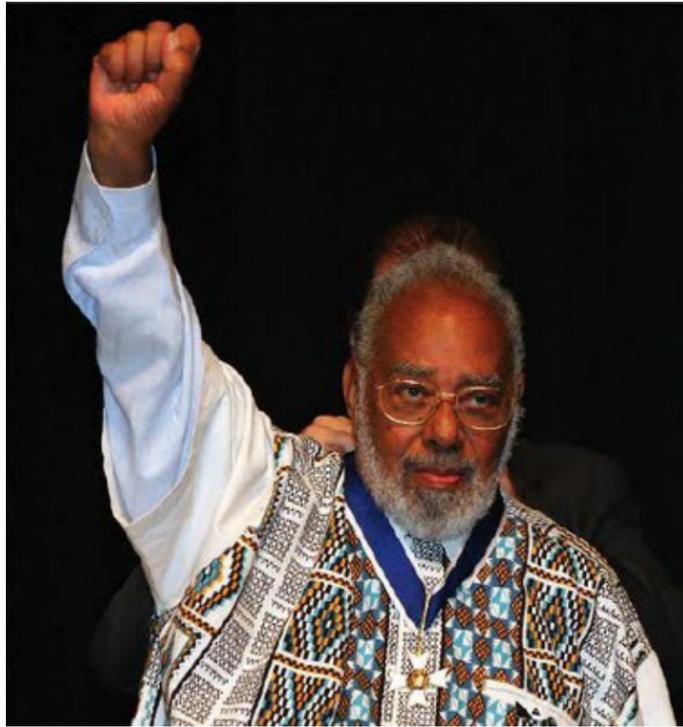


Foto: Internet

dor — a honraria mais alta outorgada pelo governo brasileiro.

O corpo de Abdias foi velado na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro e a família e companheiros da luta pela cidadania dos ne-

gros no país cumpriram seu último desejo: Suas cinzas serão levadas para a serra da Barriga, em Alagoas, local do maior centro da resistência negra no Brasil, o Quilombo dos Palmares.

Nossos direitos

Reivindicar também é um direito

É garantia do servidor reivindicar, por meio de processo administrativo, o que entender ser seu direito. Isto está previsto tanto na Lei nº 8.112/90 (no artigo 104) quanto na Constituição Federal (no artigo 5º).

O pedido deve ser formalizado por meio de requerimento escrito ao Departamento Pessoal da unidade em que o servidor é lotado, se em atividade, ou setor de Aposentados e Pensionistas. O pedido, devidamente instruído, deverá ser autuado e possuir um número de processo.

Pode haver recurso da decisão que for desfavorável ao servidor. Neste caso, primeiro, cabe pedido de reconsideração a quem indeferiu o pleito. Caso seja mantida a decisão, cabe recurso à autoridade superior.

Livro aponta neocolonialismos nas políticas públicas

Cosmologias políticas do neocolonialismo: como uma política pública pode se transformar em uma política do ressentimento: esse é o título do livro lançado pelo antropólogo e professor Ronaldo Lobão. O lançamento, pela Editora da Universidade Federal Fluminense, foi na noite do dia 23, em Niterói.

O autor aborda a trajetória das reservas extrativistas desde o Acre até aquelas ligadas ao mar e a instituição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), que não levava em conta os saberes, atores e recursos locais.

Segundo Lobão, a tese de doutorado que deu origem ao livro nasceu com a proposta de acompanhar a trajetória de uma política que começou como uma demanda da organização dos seringueiros do Acre, tendo à frente Chico Mendes, mas que foi apropriada pelo governo e por organizações de esfera internacional: “Aquilo que começou como política pública acabou se transformando em uma discussão onde o meio ambiente aparece descarac-



Foto: Ricardo Papu

Lobão

terizado pela noção de proteção ambiental. Então a mata passa a ser um ‘bioma’, o Morro das Andorinhas passa a ser ‘Mata Atlân-

tica’. É uma trajetória enredada numa nova colonização, fruto de um discurso ambiental radical”, diz o autor.

O livro discute questões relacionadas a democracia, direitos civis, identidades culturais e desenvolvimento econômico, e procura desvendar suas interfaces com as demandas dos povos tradicionais, em especial os pescadores artesanais.

Lobão, que ingressou na UFRJ em 1978, participou do movimento dos trabalhadores da UFRJ, tendo sido presidente da Asufrj (entidade que deu origem ao SINTUFRJ), entre os anos de 1989 e 1990. Foi coordenador-geral da Fasubra em 1991 e servidor da UFRJ até 1993. Lobão fez mestrado em antropologia na UFF, doutorado pela Universidade de Brasília e é professor adjunto concursado da Faculdade de Direito da UFF.

Ele conta que, ao virar livro, sua tese ganhou vida própria: “Não é uma obra. Tem vida própria, quem edifica mesmo é o leitor e não o autor”, diz. O livro pode ser encontrado na Eduff e na rede de livrarias universitárias.

SINTUFRJ recebe a CUT-RJ

O presidente da CUT no Rio de Janeiro, Darby Igayara, visita o SINTUFRJ no dia 2 de junho.

Ele será recebido pela direção sindical às 9h, na subseção sindical do HU.

Relatório das desigualdades raciais no Brasil

O Laboratório de Análises Estatísticas Econômicas e Sociais das Relações Raciais da UFRJ (Laeser) lança no dia 30 de maio o *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil 2009/2010*, de autoria do professor e coordenador do Laeser, Marcelo Paixão, Irene Rosseto, Fabi-



ana Montovanele e Luiz Carvano, às 15h, no IFCS (Largo de São Francisco).

Extrativistas e lideranças sindicais são mortos no Pará

Na terça-feira, dia 24, o casal de extrativistas José Claudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo Silva, pais de dois filhos, foram assassinados em emboscada ao passarem por uma ponte quebrada a cerca de 5 km de Marabá (PA), quando se dirigiam à cidade de Nova Ipixuna. Eles eram lideranças de agricultores e agroextrativistas.

O casal fazia parte da lista dos marcados para morrer no Pará, mas nada foi feito para preservar a vida desses trabalhadores. Eles lutavam

contra o desmatamento e foram constantemente ameaçados de morte pelos madeireiros da região. José Claudio denunciou o fato várias vezes, inclusive foi personagem de documentário na TV Record sobre marcados para morrer e desmatamento na Amazônia.

A Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Pará (Fetagri-PA) exige a apuração do crime e a prisão dos criminosos. A presidenta Dilma Rousseff promete acompanhar o caso para punição dos assassinos.

MOVIMENTO

Vamos debater o indicativo de greve na assembleia

Na assembleia desta segunda-feira, 30 de maio, vamos debater o indicativo de greve da Fasubra. O governo Dilma não tem respondido a contento na mesa de negociação e afirma que não haverá aumento este ano. Nós, trabalhadores em educação das universidades, temos de dar uma resposta contundente à imobilidade do novo governo.

Mas tal ação — como o indicativo de greve da Fasubra marcado para 6 de junho — deve ser avaliada e debatida com profundidade e seriedade. Precisamos de uma pauta que envolva, atraia e unifique a categoria. Vamos reivindicar que a Fasubra invista na negociação do piso e inclua a solução para o desvio de função na pauta que está sendo negociada. No dia 7 de junho haverá nova reunião com o governo.

Na assembleia vamos eleger também nossos representantes à plenária da Fasubra, marcada anteriormente para 31 de maio e adiada para 1º de junho. No dia 31 de maio

está marcada reunião entre governo e entidades do serviço público para tratar da política salarial.

O que diz o governo

Três reuniões, dentro do cronograma estabelecido entre governo e Fasubra, não resultaram em resposta concreta à pauta de reivindicações. Na última reunião, realizada em 24 de maio, o secretário de Relações de Trabalho do Ministério do Planejamento, Duvanier Paiva, afirmou que é preciso exaurir o debate para a construção de consensos. Com isso, seria possível a apresentação de propostas.

Sobre a política salarial, Duvanier Paiva informou que o reajuste será discutido na mesa geral do funcionalismo, marcada para 31 de maio. Ele considerou a indicação do indicativo de greve como um ultimato e afirmou que o Ministério do Planejamento não irá apresentar proposta em função da greve, mas em função do avanço do pro-

cesso de negociação. O secretário afirmou que é prematura a deflagração do movimento de greve.

O que vem sendo negociado

Na mesa de negociação, a Fasubra insiste na resolução dos itens da pauta — Vencimento Básico Complementar (VBC), Reposicionamento dos Aposentados, Anexo IV (Incentivo à Qualificação) e Racionalização dos Cargos — e, ou apresentação de propostas por parte do governo.

A agenda em discussão é antiga e tem elementos do Termo do Acordo de Greve de 2007 que não foram cumpridos, como a questão dos aposentados e da racionalização dos cargos. Há discordâncias entre Fasubra e Governo sobre os itens colocados na mesa.

O governo não concordou com as propostas apresentadas pela Federação e só apresentou contraproposta sobre o Incentivo à Qualificação.

Plenária para avaliação foi adiada para 1º de junho

Uma proposta, aliás, ruim, pois apresenta a transformação dos índices em remuneração fixa, o que congela na prática o valor do percentual.

Pauta que mobilize

Para o SINTUFRJ, é necessário tratar de uma pauta que seja capaz de unificar toda a categoria. Os itens tratados devem ter resposta do governo; mas para irmos a uma greve o motivo deve mobilizar a maioria e não apenas alguns setores da categoria. VBC e Reposicionamento, por exemplo, atingem uma parcela. E em que pesem os pontos serem importantes, o que garante a mobilização é a nossa unidade. Por isso, defendemos uma pauta prioritária que motive e envolva todos. Assim, poderemos ter chance de vitória.

Com esse entendimento o SINTUFRJ continua a destacar a solução para o desvio de função e o investimento no piso salarial. Não há um único técnico-administra-

tivo em educação em todas as universidades federais da base da Fasubra que não queira lutar pelo aumento de salário — continuamos a ter o menor piso do Executivo. O desvio de função é um problema vivido dia a dia pelos funcionários. É tão sério que chega a interferir na vida pessoal das pessoas, gerando insatisfação e frustração.

Prioridade para piso

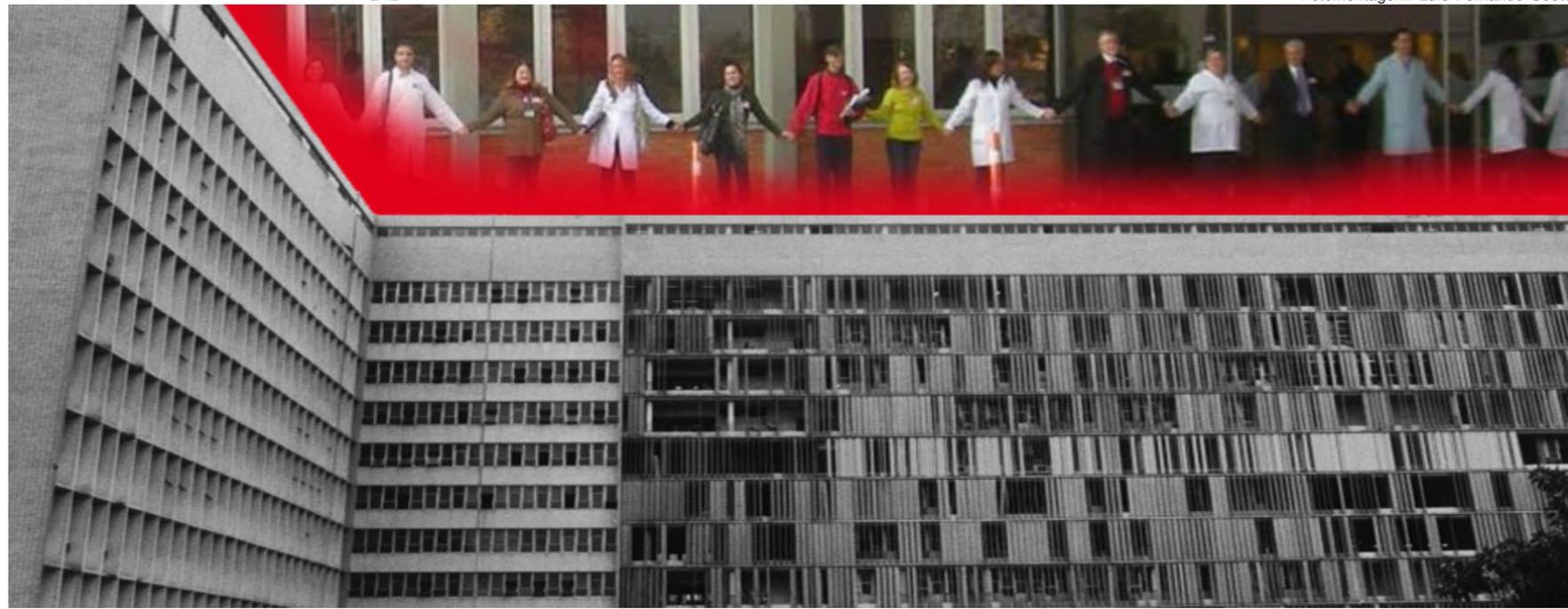
Aumento do piso salarial e do step — A valorização do nosso salário é uma política para o futuro. Ninguém quer ficar estagnado e congelado ao longo de 30 anos de carreira.

Desvio de função — As distorções das atribuições do cargo são uma realidade institucional. O trabalhador não deve pagar pela desorganização da estruturação da universidade, pois os funcionários acumulam mais responsabilidades além da sua função original, como também não recebem remuneração condizente.

Câmara aprova MP520

Fasubra é incluída em conselho da nova empresa sem autorização

Fotomontagem: Luís Fernando Couto



A Medida Provisória nº 520, que cria a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares S.A. (EBSERH), foi aprovada na Câmara dos Deputados, dia 25 de maio, em sessão extraordinária. Pior foi a inclusão da Fasubra, sem autorização, no Conselho Consultivo da EBSERH.

Mesmo com manifestações a favor e contra o parecer do relator Danilo Fortes (PMDB-CE), com apresentação de várias emendas de deputados do PCdoB, DEM e até do PSDB, o governo manobrou para que fossem rejeitadas todas as emen-

das, mantendo o texto original, passando a proposta na Casa. O discurso principal lançado pelo governo foi o de que a gestão dos hospitais universitários é incompetente.

O próximo passo será a votação no Senado Federal. A Fasubra irá denunciar esta manobra covarde, aliás, como sempre denunciou as medidas arbitrárias dos governos, continuando a fazer seu trabalho de mobilização e resistência. No capítulo desta história ainda há o julgamento da ADIN (Ação Direta de In-

constitucionalidade) no Supremo Tribunal Federal sobre a MP520.

Golpe na autonomia

A autonomia da universidade pode começar a agonizar com esta empresa, pois os Conselhos Superiores e as Reitorias terão que se submeter a gestão externa privada da EBSERH no que se refere ao cotidiano administrativo e acadêmico dos HUs.

Serviços privados

Além de ferir a autonomia universitária, promovendo uma “intervenção” nas universidades pú-

blicas federais, o governo compromete o papel dos HUs, reduzindo-os a meros “prestadores de serviços” na área da saúde, sem nenhum compromisso com o princípio de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Compromete também a qualidade na formação de profissionais da área da saúde e na produção de conhecimento e tecnologia.

Aval sem autorização

Uma afronta do governo foi a inclusão da Fasubra, sem au-

torização, no Conselho Consultivo da EBSERH. A Federação e seus sindicatos, incluído aí o SINTUFRJ, deixam clara a posição política contrária à criação desta empresa e exige que seja retirado do texto a participação da Fasubra.

Esta Federação e sua base sindical não participarão de nenhuma modalidade de gestão privada da universidade. Seus trabalhadores continuarão a resistir a qualquer modelo de gestão que abra as portas à privatização.

CELEBRAÇÃO 1º DE MAIO



Semana do TRABALHADOR no Fundão

Qualidade de Vida no Trabalho abriu o debate sobre saúde do trabalhador no campus

A fisioterapeuta e psicomotricista Alexandrina de Queiroz, do Instituto de Doenças do Tórax (IDT), abriu a semana de atividades em celebração ao 1º de Maio na Cidade Universitária, segunda-feira, dia 23. Ela fez palestra sobre Qualidade de Vida no Trabalho, às 9h30, no salão nobre da Decania do CT.

A Semana do Trabalhador foi organizada pelo SINTUFRJ em parceria com a Caixa Assistencial Universitária do Rio de Janeiro (Caurj), a Pró-Reitoria de Pessoal, e a Divisão de Saúde do Trabalhador (DVST). O evento na Praia Vermelha foi realizado de 16 a 20 de maio; no Fundão, de 23 a 27.

Atendimento no trabalho

A palestrante tratou do tema expondo a experiência exitosa implantada no CT em 2007, que ela coordenada: o Polo Ativida. Um Programa de Qualidade de Vida para os trabalhadores da unidade, inclusive os terceirizados. Alunos e qualquer outro integrante da comunidade universitária também são atendidos no Polo, que registra uma média mensal de 136 pacientes. As despesas são pagas pela Decania do CT e pelo Programa de Engenharia Oceânica da Coppe.

O objetivo do Ativida é reduzir faltas, licenças médicas e até aposentadorias precoces oferecendo assistência fisioterapêutica e psicomotora aos trabalhadores no local de trabalho.

Segundo Alexandrina, o atendimento de saúde oferecido contribui para eliminar o sedentarismo, corrige e previne vícios posturais, aumenta a disposição física e a autoestima dos trabalhadores. Os casos que necessitam de acompanhamento clínico, exames e tratamentos específicos ela encaminha para especialistas. Afastamento do trabalho deve ocorrer somente quando o tratamento exigir repouso, informou a fisioterapeuta.

Males mais comuns

A coordenadora do Ativida



Fotos: Nando Neves

GAMBINE quer varredura técnica na UFRJ

PR-4 propõe seminário para discutir a saúde do trabalhador da UFRJ

Para o superintendente de Pessoal, Roberto Gambine, que assistiu a parte da palestra, há uma cultura na UFRJ de que o reconhecimento a respeito da saúde do trabalhador se traduz no pagamento de adicionais. “Acho isso ruim, porque a universidade está sendo obrigada a rever esses direitos, por isso estou propondo uma grande discussão para avaliarmos as nossas condições de trabalho”, afirmou Gambine.

A ideia do futuro pró-reitor de

pessoal é realizar uma varredura técnica na UFRJ para detectar os problemas que afetam a saúde do trabalhador e também os erros cometidos pelos funcionários, como de postura ou não uso dos equipamentos postos à disposição. Depois disso, chamar um amplo seminário, e o que for decidido nesse fórum com a participação da Administração Central será discutido com os órgãos de controle do governo, mas fazendo prevalecer a avaliação da UFRJ, garantiu Gambine.

disse que as maiores queixas dos trabalhadores estão relacionadas à cervicalgia — dor na coluna cervical, pescoço, em consequência do jeito errado de dormir, da postura e equipamentos inadequados no trabalho, da tensão emocional e do estresse. Além de examinar, prescrever e aplicar o tra-

tamento, o Polo orienta e dá dicas aos pacientes sobre como evitar os problemas. “A cada hora é preciso dar uma pausa no trabalho, levantar da cadeira e alongar por cinco minutos”, ensina Alexandrina. Ela também recomenda a improvisação de apoios para os pés com livros e jornais enro-



ALEXANDRINA de Queiroz

lados em plástico, e dormir com travesseiro baixo.

Os trabalhadores também

reclamam de dor lombar devido a postura inadequada, excesso de peso e barriga grande.

CELEBRAÇÃO 1º DE MAIO



Homem é vítima do próprio machismo e da ausência de políticas de saúde

“Nascem muito mais meninos que meninas, mas a população feminina brasileira é maior que a masculina: 50,8% (93.513.055) contra 49,2% (91.946.392)”, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O que ocorre? A resposta é simples: os homens duram menos que as mulheres.

A ausência de política voltada para a saúde do homem, como existe para as mulheres, o preconceito e o machismo são considerados como causas coadjuvantes das mortes prematuras da população masculina. O tema foi discutido pelo enfermeiro da Divisão de Saúde do Trabalhador (DVST), Washington Ramos Castro, na terça-feira, dia 25, no CCS.

Questão cultural

“Não se tem o hábito de perceber o homem como participante dos serviços de saúde. Saúde do homem se baseia exclusivamente na saúde do trabalhador. Saúde sexual e reprodutiva, sexualidade, masculinidade são ainda assuntos tabus para os homens. Esse déficit de informação é um problema cultural”, acentua Washington.

O machismo, segundo o enfermeiro, é responsável pelos homens não cuidarem da saúde. Eles não procuram atendimento médico, a não ser quando a doença já está bastante avançada.

Ele ilustrou a palestra com informações oficiais do Ministério da Saúde. De acordo com dados epidemiológicos, cerca de 80% das causas de morbimortalidade (morte também causada por fatores externos) do homem são devidas a: causas externas (acidentes e agressões), doenças do coração, tumores malignos e distúrbios gastrointestinais e respiratórios.

Em 2005, o ministério contabilizou que o câncer de próstata foi, entre as mortes por tumores, o que mais causou a morte de homens, sendo superado apenas pelo câncer de pulmão. Segundo Washington, a população masculina adulta continua evitando o exame de próstata. E não sabem sequer que a cirurgia de próstata não altera em nada a vida sexual do indivíduo. Por essas razões morrem de câncer.

Ausência de estruturas

A falta de estrutura de saúde pública orientada para as necessidades em saúde sexual e reprodutiva dos homens é uma realidade dentro da própria UFRJ.

Apesar dos dados pessimistas, Washington prevê mudanças daqui para a frente, porque o Ministério da Saúde já elaborou sua Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, que está alinhada com a Política Nacional de Atenção Básica — a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS).

Entre as muitas justificativas do ministério para uma política voltada para o homem temos: “...contribuir na ruptura da cultura da invulnerabilidade, da força do sexo ‘forte’ e do machismo; reconhecimento de que a população masculina acessa o sistema de saúde



A SAÚDE do homem foi o tema da palestra do dia 24 na semana do trabalhador

de por meio da atenção especializada e, portanto, requer por parte do SUS mecanismos de fortalecimento

e qualificação da atenção primária; e porque em 2007 enquanto as mulheres somaram 16 milhões

de consultas ao ginecologista, os homens apenas dois milhões de consultas ao urologista”.

Racismo X Saúde

O tema em debate na manhã de 25 de maio, na Faculdade de Letras, em comemoração à Semana do Trabalhador foi Racismo X Saúde. Um debate qualificado e que toca numa questão sensível na nossa sociedade e na própria universidade. A mesa reuniu Luciene Lacerda, do Instituto de Estudos e Saúde Coletiva (Iesc), Wanda Gama da Silva, do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), Raquel Canavez (HUCFF), e foi coordenada por Jurema Werneck (Ong Criola).

O que ficou claro no debate é que apesar de existir uma política nacional de saúde integral da população negra, esta não se traduz na prática nas esferas municipais, estaduais e federais em geral. No HUCFF, por exemplo, não há dados sobre raça/cor ou uma política definida para o tratamento da população negra. Esta questão, aliada ao racismo institucional, que acontece também na própria UFRJ, mostra um quadro de desigualdade sociorracial ainda muito presente. Os debatedores chamaram a atenção para a importância do tema e a necessidade de se colocar em prática políticas voltadas para a população negra.

A farmacêutica do HUCFF, Ra-

quel Canavez, apresentou trabalho mostrando como o racismo se revela também em estudos como o que ela analisou sobre o tratamento da hepatite C. Segundo Jurema Werneck, o debate esclareceu a todos que o tema é importante para a sociedade, que o racismo existe e há estudos de trabalhadores e profissionais da área de saúde que comprovam isso.

Curso de formação

Uma das ações nesta discussão foi a realização do Curso Saúde da População Negra, construído na UFRJ e organizado por trabalhadores do Iesc. Luciene Lacerda, psicóloga e pesquisadora do Iesc, explicou o porquê da realização do Curso Saúde da População Negra, no início deste ano, através de parcerias.

“Um dos objetivos é o de contribuir e procurar que o país integralize nossas questões, que elas não sejam vistas como comuns, tanto no âmbito do corte raça/etnia e raça/saúde”, declarou Luciene, uma das organizadoras. O curso foi estruturado para fortalecer e qualificar a atuação de gestores, profissionais, conselheiros de saúde e ativistas para a implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Segundo Luciene, o racismo existe na saúde



Fotos: Nando Neves

ORGANIZADORES: Equipes da Caurj e da DVST que atuaram na semana comemorativa do Dia do Trabalhador

e na educação, pois a história da população negra não é contada no ensino médio e tampouco no superior. “A ausência de política de cotas na UFRJ prova isso”, observou.

O curso faz parte de um projeto com as parcerias ONG Criola, HUCFF, Assessoria de Promoção da Saúde e o Comitê Técnico de Saúde da População Negra — SMSDC/Rio de Janeiro; e o Laboratório de Análises Econômicas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (Laeser) do Instituto de Economia/UFRJ.

Ação no HU

Wanda Gama da Silva, do Programa de Qualidade do HUCFF e in-

tegrante da Comissão dos Direitos do Paciente, falou da realidade deste atendimento à população dentro da realidade do hospital. Com experiência de quem trabalhou durante 24 anos no Serviço de Arquivo Médico e há um ano no Programa de Qualidade, ela afirmou que não há dados sobre a cor — quesito fundamental que revela as desigualdades que afetam os diferentes segmentos populacionais. “O que pretendemos é a formação de um plano de ação que revele o universo raça/cor para a efetiva elaboração e implantação com equidade das diretrizes contidas no Seminário Nacional de Saúde”.

CARREIRA

Auxiliares e técnicos de enfermagem: Mesma função e trabalho, mas salários diferentes

Nos dias 8 e 9 de junho o SINTUFRJ estará convocando os auxiliares de enfermagem para discutir sua função na universidade e iniciar um movimento para corrigir seu enquadramento e fazer justiça.

Para entender o problema

Quando da confecção e aplicação do Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos (PUCRCE), na década de 1980, o cargo de técnico de enfermagem estava em processo de regulamentação profissional. Eram poucas as instituições que em suas carreiras existia o cargo. Grande parte das contratações feitas até o fim desta década era realizada para o cargo de auxiliar de enfermagem, profissão já há muito regulamentada. Então, vários técnicos de enfermagem formados entraram para as universidades no cargo de auxiliar.

Na implantação do PUCRCE, diante desta situação, constatou-se que a formação dos profissionais auxiliares de enfermagem era compatível com as atribuições do cargo de técnico de enfermagem. Portanto, os cargos de auxiliar e técnico ficaram aglutinados no nível médio.

Em 2005, quando foi implantado o Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE), os profissionais deixaram de estar aglutinados na mesma classe. O auxiliar de enfermagem foi enquadrado na classe C e o técnico de enfermagem na classe D; isto apesar de terem a mesma escolaridade e o mesmo fazer. Além disso, nesse enquadramento os auxiliares foram nivelados por baixo. Faltaram etapas fundamentais para que tais erros não fossem cometidos. Assim, a injustiça perdura até os dias de hoje com estes profissionais da enfermagem exercendo as mesmas atividades profissionais, mas com remuneração diferenciada.

O Sindicato entende que ainda é tempo de se corrigir essa injustiça. Esperamos todos às reuniões marcadas para os dias 8 e 9 de junho. Dia 8, às 11h, na subsele do SINTUFRJ no HU. E dia 9, na Praia Vermelha, às 11h, no auditório Manoel Maurício, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH).

Realidade

Nesta edição do jornal apresentamos a realidade de alguns auxiliares de enfermagem no seu exercício profissional, como a de Laura Silva e Heroneide Dutra, do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG). E a de Lusinete Sá, do Hospital Clementino Fraga Filho (HUCFF).

Direitos em segundo plano

Laura Silva e Heroneide Dutra trabalham no Aquário Carioca do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG). É o espaço de humanização das salas de quimioterapia para o tratamento do câncer. Neste espaço são atendidas mais de 100 crianças e a responsabilidade está nas mãos dos médicos, de uma enfermeira e das auxiliares de enfermagem, aí incluídas Laura e Neide.

As profissionais, com vasta experiência, exercem suas atividades diárias aliadas a um trabalho lúdico de assistência. Não só as crianças têm apoio; para os pais há todo um trabalho de acolhimento, pois sobre eles recai um profundo trauma psicológico derivado da existência e da convivência com a doença. Nenhum profissional está ali por acaso.

Laura tem 25 anos de UFRJ, todos no IPPMG. Neide, 16 anos, também na unidade. Neide tem o curso técnico de enfermagem feito no Senac em Brasília. As duas estão no Aquário Carioca desde a sua inauguração, há quatro anos. É um trabalho envolvente. As profissionais têm muitas histórias para contar e se entusiasmam com as pequenas vitórias obtidas na luta contra o câncer.

“Uma vez tive que fazer toda uma comparação com o jogo PlayStation e a batalha enfrentada pelo jogador contra o câncer para



Foto: Nando Neves

NEIDE E LAURA fazem parte de uma equipe que atende mais de 100 crianças

convencer o Erik a deixar administrarmos a medicação. Ele dizia que queria morrer”, conta Neide. “O trabalho é cansativo, mas quando vemos resultado positivo esquecemos de tudo”, diz Laura. Tanta dedicação na profissão e envolvimento fez com que Laura se afastasse um tempo da unidade. “Chegou uma hora que não aguentava ver tanto sofrimento. Agora, tô de volta”, ressalta.

Elas dizem que nessa batalha esquecem até de suas questões funcionais. “Nunca nos preocupamos com esta diferenciação entre auxiliares e técnicos de enfermagem. Aqui

não temos tempo para pensar nisso, até porque nossa rotina é uma só. Não temos diferença no fazer com o técnico de enfermagem. Estamos na admissão de pacientes, fazemos punção venosa, administramos medicamentos, acompanhamos os procedimentos médicos, participamos das pesquisas, reforçamos a orientação aos pais, e tudo o mais que envolve o tratamento”, relata Heroneide, a Neide. Dentre as pesquisas de que participa, ela trabalha, por exemplo, com as especialidades da Genética e do HIV/Aids.

Laura, que integra a equipe de

pesquisa do HIV/Aids, acrescenta que a iniciativa do Sindicato é muito importante para pessoas que, como elas, não têm tempo nem cabeça para olhar para seus direitos. “Tudo acaba em segundo plano. Mas a gente tem que brigar mesmo, é um direito nosso”. Ela questiona, inclusive, por que a instituição não promove a capacitação dos profissionais de saúde, já que a própria universidade lucra com o esforço individual do funcionário. “Seria mais fácil e mais justo”, acrescenta a auxiliar de enfermagem.

HU tem mesma situação

Foto: Arquivo pessoal



LUSINETE acha positivo a organização dos funcionários

A situação das auxiliares de enfermagem no IPPMG não difere da

situação do Hospital Clementino Fraga Filho. Lá trabalha a auxiliar de enfermagem Lusinete Sá, 21 anos de UFRJ e de HU. No seu setor, o de Doenças Infectoparasitárias, trabalham seis profissionais, entre auxiliares e técnicos, segundo informa.

“A gente sabe há uma diferença nas conversas com os colegas. As funções são as mesmas, mas a remuneração é diferente. Em outros hospitais pode até existir esta diferença, mas aqui no HU não. A responsabilidade e tudo o mais é igual”, declara. A auxiliar de enfermagem tem curso técnico em enfermagem pelo Profae (Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem) do Ministério da Saúde.

Lusinete, que anda insatisfeita

com o Sindicato, diz que irá à reunião: “É importante que o Sindicato resolva esse problema, pois infelizmente tá muito desacreditado. Então qualquer coisa que batalhe pelo funcionário, e nesse caso os auxiliares, será positivo”.

Correção

É necessário e possível fazer a correção da distorção gerada no enquadramento, isto é, colocar os auxiliares de enfermagem na classe correta, isto é, a Classe D, onde estão os técnicos de enfermagem e cuja exigência é o nível médio e ou técnico. A mesma exigência feita no PUCRCE para os auxiliares de enfermagem.

Assim, poderemos corrigir um

erro e fazer a devida justiça com os nossos profissionais auxiliares de enfermagem. “O próprio governo diz que é preciso se adequar às mudanças no mundo do trabalho. Então, a correção deste erro é mais do que necessária. Não há mais diferenciação das funções e atribuições nos hospitais diante da realidade”, afirma a coordenadora de Organização e Política Sindical do SINTUFRJ, Gerly Miceli.

A coordenadora-geral, Neuza Luzia, destaca que o Conselho Regional de Enfermagem (Coren) acabou com a figura do auxiliar de enfermagem. “Isto por reconhecer que não há diferença entre estes profissionais, hoje existe apenas o técnico de enfermagem.”

LUTA

Estudantes distribuem quentinhas no Consuni cobrando bandeirão

A reunião do Conselho Universitário foi agitada na última quinta-feira, dia 26. No início da sessão, estudantes e professores do Colégio de Aplicação (CAp) da UFRJ ocuparam o colegiado reivindicando a contratação dos professores substitutos, sem os quais as aulas podem ser interrompidas.

No fim, mais uma manifestação: outra leva de estudantes entrou cantando e apitando; encheram o salão e anunciaram suas reivindicações: a garantia da conclusão da bandeirão do CT e apoio à luta pelo passe livre. Em seguida, distribuíram quentinhas entre si e para os conselheiros, sentaram no chão e começaram seu almoço, deixando que o conselho prosseguisse.

Primeiro ato: estudantes e professores protestam pelo CAp

Os professores do CAp anunciaram que suspenderam, dia 13 de maio, o movimento iniciado dia 20 de abril. Mas permanecem em estado de greve. A pauta de reivindicações foi atendida apenas parcialmente.

Reivindicam a contratação dos professores substitutos que o Ministério do Planejamento não quis reconhecer. O governo não autorizou a contratação de 28 substitutos, que ficaram sem salário desde fevereiro e a saída foi a Reitoria pagar seus salários como prestadores de serviço.

O movimento buscava reivindicar ao colegiado a aprovação do projeto de resolução — proposto pela administração Central — que sustenta a necessidade de que os editais de concursos destes professores substitutos sejam respeitados pelo MEC e pelo Planejamento, de forma que seja liberada sua inclusão no Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos (Siape). Com isso, ficaria assegurada a vigência do contrato até o fim do ano. A proposta foi aprovada por unanimidade.

Anderson Ulysses, professor substituto, acha que isso é o mínimo que a universidade pode fazer, mas a luta não se esgota, porque há necessidade de contratação de professores, e a situação é crítica.

A diretora da Adufrj, Cristina Miranda, comentou que a aprova-

ção da resolução vai dar suporte à Reitoria da UFRJ para brigar para que os professores sejam incluídos no Siape. Mas comentou que, em função do Reuni (programa de expansão das Ifes), a universidade expandiu o número de alunos, e em consequência a demanda do CAp (campo de estágio dos estudantes da Faculdade de Educação), aumentou, sem que o colégio tivesse estruturado para isso, aumentando ainda mais o déficit de docentes.

Nilson Theobald, representante técnico-administrativo no colegiado e coordenador de Educação do SINTUFRJ, explicou que esta é uma tentativa de legalizar a situação dos professores com a perspectiva de que possam dar aula até o fim do ano. Nilson também aponta a necessidade de trazer o problema do CAp para uma discussão glo-

bal, já que o MEC prossegue com a proposta de retirar o controle dos colégios de aplicação das Ifes.

Segundo ato: enquanto o bandeirão não chega, quentinhas para todos

Nem bem o grupo do CAp saiu, a sessão foi tomada por mais um grupo enorme de estudantes. Esteban Crescente, do Centro Acadêmico de Física, anunciou os motivos: estudantes do CT e CCMN estavam ali porque os prazos apresentados pela Reitoria para conclusão das obras do bandeirão do CT não foram cumpridos. Os estudantes temem que nem mesmo o próximo prazo previsto, junho, seja cumprido.

O grupo reivindicava também apoio da Reitoria no abaixo-assinado pelo direito à meia-passage

que será entregue na forma de uma petição à Câmara dos Vereadores. O projeto aprovado recentemente só garante o direito a bolsistas do ProUni e cotistas. Com isso, dizem os estudantes, na UFRJ, com exceção dos cotistas, a maioria dos estudantes não tem direito à meia-passage.

Presidida pela vice-reitora Sylvia Vargas, a sessão prosseguiu por alguns minutos, mas era improvável que continuasse em meio ao almoço improvisado pela garotada no salão. Até que um pedido de contagem de quórum, o que já não havia mais naquele momento, levou à suspensão da reunião.

Os conselheiros avaliariam a proposta de bolsa estudantil de apoio à permanência, mas ela ficou para a próxima sessão, 9 de junho. A representação estudantil solicitou, então, que ela fosse inserida como prioridade na pauta, assim como a discussão da infraestrutura dos prédios na Praia Vermelha.

Tadeu Alencar, representante do DCE, explicou que haverá uma reunião no dia 2 de junho, no fim da tarde, com os centros acadêmicos para discussão da proposta de assistência estudantil para a próxima sessão do Consuni.

O ato, segundo Esteban, foi organizado pelo movimento Correnteza e pelos conselhos de centro do CT e do CCMN.

Foto: Kelvin Melo/Adufrj-SSind



MANIFESTAÇÃO no Consuni cobra conclusão das obras do bandeirão

Coral estreia na festa do Cisi

O Coral do SINTUFRJ estreou na sexta-feira, dia 20, se apresentando na comemoração aos 18 anos de criação do Centro de Integração de Serviços de Informática da Coppe (Cisi), no auditório G-122, bloco G, prédio do CT. Este ano, o Cisi recebeu o Certificado de Qualidade Prata 2.

Sob a batuta do maestro Cyrano Sales, o coral apresentou quatro músicas: “Vira, virou”; “Jesus, alegria dos homens”; “Cia da terra”, com Marcelo Mergulhão, uma parceria com a Oficina de Violão do SINTUFRJ; e o “Vira” (com pandeiro), encerrando a apresentação com muita alegria.

O Coral do SINTUFRJ ensaia todas as segundas-feiras, das 16h30 às 18h30, na subseção sindical no HU, Cidade Universitária. É aberto aos técnicos-administrativos e de-

pendentes. As atividades do coral começaram este ano, portanto, encontra-se em fase de formação. Os interessados em participar do coral só precisam ir a um ensaio e inscrever-se.

Sinônimo de eficiência

O Cisi foi inaugurado em novembro de 1972, e sua principal função é atender às necessidades da Coppe, oferecendo serviços e infraestrutura de rede e suporte, e desenvolvendo sistemas administrativos.

Recentemente foi criado no Cisi o setor de Inovação, cujo objetivo é aproximar o Centro dos seus usuários, propondo mais soluções de tecnologia da informação. A equipe do Cisi é composta por 12 profissionais e 4 estagiários, e a gerente é a técnica-administrativa Linair Maria Campos.

Foto: Antonio Agra



CORAL estreia em comemoração ao CISI

Escola de Educação Física em condições precárias

Inaugurada em 1972, a Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ (EEFD) pede socorro. Os estudantes iniciaram o ano mobilizando a comunidade acadêmica por reformas estruturais urgentes na unidade. O diretor Waldyr Ramos concorda com a maioria das reivindicações do Centro Acadêmico, e lamenta que a Escola pertença à ala pobre da universidade e por isso não esteja na lista de investimentos prioritários.

Com dois mil alunos somente na graduação e funcionando das 6h às 22h, inclusive aos sábados, a EEFD é a maior unidade acadêmica da UFRJ, segundo Waldyr. Além das funções de ensino, pesquisa e extensão, que incluem atividades voltadas a pacientes do HU, a Escola é a recepção da universidade, local de realização de grandes eventos e também serve como alojamento para os movimentos estudantis e sociais.

Limite estourado

O pivô da crise na Educação Física é a falta de salas de aulas, que este ano impôs a redução de 40 vagas no vestibular para a graduação em Dança. Para minimizar o problema e acabar com as atividades nos corredores e o esquema de revezamento de professores e alunos nas 12 salas existentes, a Reitoria alugou duas tendas para as atividades da Dança.

Há mais de um mês a piscina olímpica foi interditada: a tubulação de retorno (que leva a água para filtragem) está com vazamento. A piscina menor não atende às 21 turmas obrigatórias do curso de Educação Física, às atividades de extensão, ao convênio com a rede escolar pública do município, aos projetos internos e externos e das pacientes de fisioterapia do HU.

Os dois laboratórios de informática estão fechados em consequência dos estragos feitos pela água que entrou pelo telhado. A expectativa é de retomada das atividades até o fim de maio, e com 20 novos equipamentos. Em 2010, segundo Waldyr, a Administração Central investiu R\$ 1,4 milhão no conserto e reforma dos telhados do prédio e das coberturas dos ginásios poliesportivos, porque chovia em todas as instalações. As paredes com tintas desbotadas e descascando mostram o tamanho do prejuízo.

Mas os problemas em virtude de anos de abandono da EEFD continuam. Por conta das infiltrações, há necessidade urgente

de obras de reforço e reforma das vigas de sustentação do prédio. Outro problema estrutural tem a ver com as redes hidráulica e elétrica. A água não chega nem ao segundo andar. Os canos muito antigos necrosaram. A direção da Escola teve de instalar uma caixa d'água de cinco mil litros para atender aos banheiros no terceiro piso. As três subestações não aguentam mais a carga de nenhum novo ar condicionado ou equipamento para laboratório.

As más condições de uso dos armários dos vestiários têm dificultado o cotidiano dos alunos de educação física e de dança. Fora a reforma das instalações, os estudantes e o diretor reivindicam da Reitoria a contratação de mais faxineiros para tomar conta dos banheiros, de onde some até papel higiênico. “Antes existia a vestiarista, cargo extinto nos governos FHC”, lamentou Waldyr Ramos.

A reforma da garagem de remo para ser utilizada como sala de aula

e de dança ainda não saiu.

“Somos o receptivo da UFRJ e a Escola é alojamento para o movimento estudantil e social, por falta de grandes alojamentos no Rio de Janeiro a custo zero. São fatores que deveriam merecer consideração da Reitoria”, lamentou o diretor. Para ele, a Escola tem dificuldades de entrar na lista de prioridade de investimentos devido ao custo elevado das suas obras. Mas foi devido à falta de reformas e boa manutenção ao longo dos anos que hoje a unidade encontra-se em tão péssimo estado.

Estudantes

Depois da ocupação do gabinete do diretor no dia 5 de maio, o Centro Acadêmico da EEFD foi ouvido pela Reitoria. De acordo com as lideranças estudantis, a Administração Central da universidade

se comprometeu a realizar obra na parte estrutural do prédio e de infraestrutura; trocar piso; consertar a tubulação da piscina olímpica; construir a nova piscina da Praia Vermelha, que atende principalmente aos projetos de extensão com a comunidade; aumentar o efetivo de trabalhadores nos banheiros; trocar os bebedouros velhos e comprar outros; substituir os extintores de incêndio; reabrir a sala de musculação para a comunidade, que foi fechada por falta de manutenção, entre outras demandas.

Novo prédio

O Curso de Dança, a graduação que mais cresce na EEFD, desde 2005, deverá ganhar um prédio próprio, de dois andares, até 2012, conforme está previsto no Plano Diretor da UFRJ 2020.



CA conseguem compromisso da Reitoria com obra

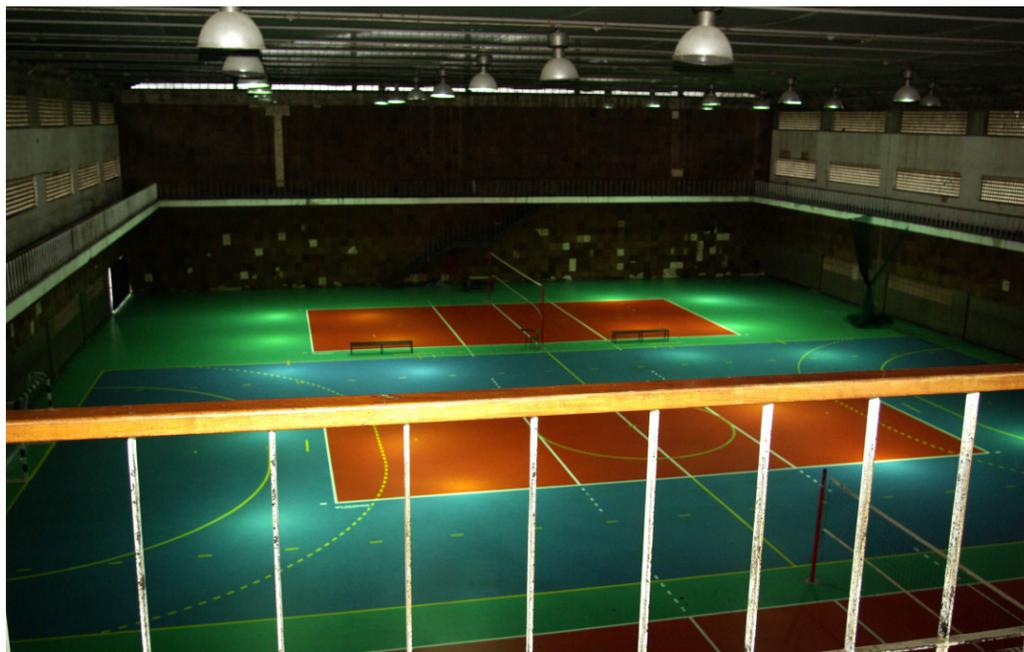


Fotos: Cícero Rabello

PISCINA olímpica foi interditada



DIRETOR concorda com reivindicações dos estudantes



COBERTURA das quadras foram reformadas